



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ELISANDRA CONCEIÇÃO ALVARENGA CORRÊA

**A INFÂNCIA NA OBRA DE CORA CORALINA
*VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA***

GOIÂNIA – GO
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar (em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Elisandra Conceição Alvarenga Corrêa**

Título do trabalho: **A infância na obra de Cora Coralina Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM []

NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao (à) (s) autor (a) (es) (as) e ao (à) orientador (a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Alexandre Martins Corbiniano, Professor do Magistério Superior**, em 06/12/2021, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELISANDRA CONCEIÇÃO ALVARENGA CORRÊA, Discente**, em 06/12/2021, às 21:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2552204** e o código CRC **5BA5EF5C**.

ELISANDRA CONCEIÇÃO ALVARENGA CORRÊA

**A INFÂNCIA NA OBRA DE CORA CORALINA
*VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA***

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso graduação licenciatura plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás como requisito para aprovação.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Alexandre
Martins Corbiniano

GOIÂNIA – GO
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Corrêa, Elisandra Conceição Alvarenga
A INFÂNCIA NA OBRA DE CORA CORALINA VINTÉM DE
COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA [manuscrito] / Elisandra
Conceição Alvarenga Corrêa. - 2021.
XXXVIII, 38 f.

Orientador: Profa. Dra. Simone Alexandre Martins Corbiniano.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia,
2021.

1. Educação. 2. Concepção de Infância. 3. Cora Coralina. I.
Corbiniano, Simone Alexandre Martins, orient. II. Título.

CDU 37.01



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) nove dias do mês de novembro do ano de 2021 realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "**A infância na obra de Cora Coralina Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha**", de autoria da aluna **Elisandra Conceição Alvarenga Corrêa** do curso de PEDAGOGIA da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Os trabalhos foram instalados pelo (a) profa. orientadora Simone Alexandre Martins Corbiniano, tendo a participação como membro da Banca Examinadora: a profa. Ms. Sônia Maria Rodrigues. Após a apresentação da monografia, e depois os comentários e apreciação da banca, realizou-se a avaliação da estudante de forma reservada. A Banca Examinadora atribuiu a nota final 10,0, tendo sido o TCC da aluna **Elisandra Conceição Alvarenga Corrêa** considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Alexandre Martins Corbiniano, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2021, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Maria Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2021, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELISANDRA CONCEIÇÃO ALVARENGA CORRÊA, Discente**, em 07/12/2021, às 15:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2524856** e o código CRC **6BCE5386**.

Dedico este trabalho a todos os leitores e apreciadores das obras de Cora Coralina e, principalmente, aos meus pais que mesmo sem muito estudo, não mediram esforços para que eu pudesse chegar até aqui.

“Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém. Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente”. (CORALINA, 2013, p. 135).

RESUMO

Este trabalho procurou analisar a concepção de infância em poemas da obra *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha* da escritora Ana Lins dos Guimarães Peixoto e Bretas (Cora Coralina) utilizando conceitos atuais, mas também analisando a concepção presente nos escritos de Philippe Ariès sobre a “História Social da Criança e da Família”, dentre outros autores que discorrem sobre a importância do papel da infância na construção humana, como um tema que vem ganhando destaque ao longo da história, entre as mais variadas áreas do conhecimento. Desse modo foi preciso analisar o processo histórico sobre os conceitos de infância, sua importância atual na sociedade e como ela é retratada na obra de Cora Coralina. Para tanto, foram abordados estudos, dados históricos e fontes bibliográficas pertinentes para embasar o objetivo que foi proposto.

Palavras-chave: Educação. Concepção de infância. Cora Coralina.

ABSTRACT

Childhood is a topic that has gained prominence throughout history, among the most varied areas of knowledge. This work sought to analyze the conception of childhood in poems from the work "Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha" by writer Ana Lins dos Guimarães Peixoto e Bretas (Cora Coraline) using current concepts, but also analyzing the present conception in the writings of Philippe Ariès on the "Social History of the Child and the Family", among other authors who discuss the importance of the role of childhood in human construction. Thus, it was necessary to analyze the historical process on the concepts of childhood, its current importance in society and how it is portrayed in Cora Coralina's work. Therefore, studies, historical data and relevant bibliographic sources were approached to support the proposed objective.

Keywords: Education. Childhood conception. Cora Coraline.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA	11
2 A VIDA E OBRA: CORA CORALINA, UMA BREVE HISTÓRIA	21
3 RETRATOS DA INFÂNCIA DOS POEMAS DE <i>VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA</i>	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre a história da infância e da criança, em geral fazemos isso com um olhar no passado, já que os conceitos relativos à infância e à criança se integram e são culturalmente determinados e historicamente construídos. Como toda história, a ideia que temos hoje sobre a infância e a criança nasceu das classes médias que se formavam no interior da burguesia. A criança, como indivíduo social sempre existiu, a concepção, o sentimento de infância é que veio se formando ao longo do tempo.

Estudos atuais têm evidenciado a importância de se valorizar e respeitar a infância, bem como o processo do seu desenvolvimento infantil. Cabe ressaltar que essas concepções nem sempre expressam os mesmos significados. Desde o estudo de Ariès, até hoje, essas ideias carregam “histórias, representações, valores, e vão se modificando ao longo dos tempos e expressam aquilo que a sociedade entende em determinado momento histórico por criança, infância, educação, política de infância e educação infantil” (KRAMER, 1999, p. 207).

Podemos refletir acerca da construção da história da infância com vista à particularidade da criança, como indivíduo histórico social. Fernandes e Kuhlman (2004) apresentam uma definição que está situada entre a história da infância e da criança ambas se correlacionando. Para os autores, a história da infância teria que ser compreendida como a história de determinada sociedade, do meio cultural, e do período histórico que ela está inserida.

Dentre vários fatores que estão atribuídos a construção deste processo, Ariès (1981), destaca que a infância foi uma invenção da modernidade. Ele descreve o sentimento de infância como processo histórico decorrente da consciência gradual do adulto em relação à existênciadessa criança e que esse processo não foi de uma herança tradicional. A partir dessa concepção apresentada por Ariès que mudanças relacionadas à concepção de infância aconteceram. Segundo o autor, esse processo histórico também guarda outro eixo do sentimento de infância que busca certa moralidade na base da educação das crianças, por um viés psicológico no qual se busca unir a razão e certa docilidade.

Charlot (1986, p. 108) também compartilha do pensamento de Ariès e diz que a ideia da concepção de infância se fundamenta em uma perspectiva social, já que “a imagem de criança assume, nos sistemas filosóficos e pedagógicos, as

dissimulações do aspecto social dessas contradições, por trás de considerações morais e metafísicas”. Sendo assim, ele explicita que a infância não é um fator natural, mas sim um fator social-histórico, que vem sendo construído a partir de interesse tanto social, como político, cultural e econômico da sociedade em determinado tempo e lugar.

Com base nestes aspectos, este trabalho buscou analisar a infância que se apresenta em poemas da obra *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*, da poetisa e contista Ana Lins dos Guimarães Peixoto e Bretas, mais conhecida como Cora Coralina. De que maneira a poetisa aborda o tema infância em seus poemas, a forma que este sentimento de infância se fez presente na vida da escritora. Ainda que se tenha consciência sobre a importância da infância na atualidade, os primórdios de desinteresse em relação a elas ainda se fazem muito presentes.

Entre os discursos em relação à história da infância e da criança, embasamos esta pesquisa em autores como; Áries (1981) e Rousseau (2004), que produziram novas ideias e colaboraram sobremaneira com a compreensão daquilo que pode ser chamado de “sentimentos de infância”, contribuindo para que essa ideia se tornasse uma categoria social. Posteriormente acrescentamos Charlot (1986), Kuhlmann (1998), Kramer (1999), que serviram de pontes para nosso discurso atual, bem como as contribuições de Brito (2006) e de Cora Coralina (2013) para fundamentarmos a pesquisa em si. Cora Coralina como personagem e autora central do livro *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*, e demais autores como contribuintes em escritos sobre vida e obra da poetisa.

1. A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA

Atualmente, entende-se que as personalidades são formadas a partir da infância e que vários fatores podem influenciar positiva ou negativamente nessa formação, além de terem impactos pelo resto da vida do indivíduo. Nessa fase, aprende-se aquilo que nos faz bem, e inicia-se o entendimento sobre os sentimentos, a interpretação dos acontecimentos da vida e a formação da personalidade. Assim, a infância vem a ser uma das etapas de maior importância na vida do indivíduo, pois todos passam por ela, podendo acarretar em diversos atrasos no desenvolvimento caso não seja tratada com devido cuidado e valor.

Quando se pensa a respeito das crianças nos dias atuais, muitas vezes, não imaginamos o caminho percorrido para que se chegasse a essa realidade. No entanto, ao longo da história, ficam claras as transformações pelas quais esse conceito passou. Na Idade Média, por exemplo, não havia uma categorização relacionada à idade das pessoas que fizesse com que as crianças tivessem um tratamento especial. Apenas despertava preocupação nos primeiros meses, enquanto dependesse de um cuidador. Logo, assim que crescia um pouco e não necessitava tanto de cuidados constantes, ingressava no mundo dos adultos e não se diferenciava mais destes.

Os estudos sobre a história da infância, tanto no Brasil, quanto em países afora, é novo e se fazem presentes a partir do século XX. Um dos autores que tratam a respeito deste tema é Philippe Ariès, historiador, medievalista francês e estudioso do tema família e infância. Em sua obra *História Social da Criança e da Família (1981)* traça uma evolução histórica das concepções de infância, através de pesquisas iconográficas e diários, bem como a maneira como esta criança foi silenciada durante boa parte da Idade Média. Este estudo no Brasil se tornou conhecido na década de 1970, e foi a partir dele, que “os estudos sobre a infância e a criança ganharam um impacto mais significativo, pois é considerado um trabalho pioneiro sobre como a modernidade do Ocidente percebe suas crianças historicamente”. (BOTO, 2002, p.10)

E Boto ainda ressalta,

O livro *História social da criança e da família* trabalhava a sensibilidade adulta acerca da infância em sociedades europeias, tomando o final da Idade Média como ponto de partida e o século XIX como ponto de chegada. Progressivas modificações ocorriam nesse âmbito: a criança, à partida, é destacada apenas por seu caráter incompleto; por um não ser adulto. Pouco a pouco, reconhecida em especificidades que são suas, passaria a ser observada, paparicada, mimada e, finalmente, amada. Essa longa trajetória, contudo, teria sido acompanhada por acentuadas mudanças na agremiação familiar e pelo decréscimo nas taxas de mortalidade infantil, que, por si mesmas, teriam acentuado o apego dos adultos por suas crianças. A tese de Ariès consolidava, assim, a suposição de que, desde o século XVI até o século XIX, teria sido firmada a subjetividade moderna com relação à infância. (BOTO, 2002, p.12)

No início dos relatos de seus estudos, o autor Ariès trata a respeito das idades da vida, ressaltando que no século XVI ou XVII não era dado um significado especial para cada idade vivida, como temos hoje. Visto que, a idade, da maneira cronológica

como nós conhecemos, não era parte da cultura das pessoas na Idade Média, contar o tempo ou a data de nascimento naquela época não tinha muito significado.

A vida era a continuidade inevitável, cíclica, às vezes humorística ou melancólica das idades, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas essas idades naquelas épocas de grande mortalidade. (ARIÈS, 1981, p.8-9)

Assim Àries (1981) ainda relata a importância sobre os registros da idade da vida imposta pelos reformadores religiosos e civis aos documentos, começando pelas camadas mais instruídas da sociedade, ou seja, as que tinham acesso aos colégios, e, a partir de então, as famílias apresentavam datas importantes em móveis, retratos, diários, ficando na história a partir de sua cronologia, mas somente para efeito de registro daquela família em determinado tempo, e não para efeito sentimental individual de seus membros.

Segundo Àries (1981) “as idades da vida”

(...) ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. (...) As “idades”, “idades da vida” ou “idades do homem” correspondiam no espírito de nossos ancestrais a noções positivas, tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum. Hoje em dia não temos mais ideia da importância da noção de idade nas antigas representações do mundo. (ARIÈS, 1981, p.4)

O autor relacionou as idades ao número dos planetas que antes eram um total de sete (atualmente temos oito planetas no sistema), assim “a infância, do nascimento até os sete anos; a pueritia, dos sete aos quatorze anos; a adolescência, fase indefinida que variava dos 21 aos 35/40 anos; a juventude dos 40 aos 50 anos; a senectude corresponde ao intervalo entre a juventude e a velhice; a velhice dos 70 anos mais ou menos até a morte e a última parte da velhice, que no latim é chamada senies” (ARIÈS, 1981, p. 6). Foi só no século XIV que as idades da vida foram registradas na iconografia e permaneceram praticamente inalterados até o século XVIII. Sendo possível verificar a separação:

(...) Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado.

Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivãzinha, perto da lareira. (ARIÈS, 1981, p.9).

Dessa forma, fica claro que as idades da vida não correspondiam somente às etapas biológicas, mas que também estavam relacionadas às funções sociais. Assim, era sabido que havia homens jovens que eram da lei, porém na “imagem popular, o estudo era uma ocupação dos velhos” (ARIÈS, 1981, p.9). Nos seus estudos, o autor ainda relata que o sentimento pela infância, como nós conhecemos, em um período da história, não existia.

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (ÁRIES, 1981, P.99)

Àries (1981) diz que a criança não estava ausente na Idade Média, muito pelo contrário, elas eram cuidadas por amas até seu crescimento, mas elas não eram representadas de maneira a caracterizar uma determinada fase de sua vida, demonstrando entendimento a respeito dessa fase. Era muito comum, inclusive, a morte dessas crianças muito pequenas, os pais não se apegavam a elas, não tinham ligação mais forte, porque a chance de perdê-las rapidamente era muito grande, isso não significa que elas não eram amadas, mas eles de certa forma, já se preparavam para a perda, e por isso não se criava vínculos afetivos em relação a elas.

Em *Emílio ou Da Educação*, Jean J. Rousseau (2004, p.24) confirma esta ideia

Quase toda a primeira infância é doença e perigo; metade das crianças que nascem morre antes dos oito anos. Passadas as provas, a criança ganha forças, e, assim que pode servir-se da vida, seu princípio torna-se mais garantido

Nessa época, era muito comum que as famílias fossem numerosas, para que, dentre as várias crianças nascidas, algumas pudessem chegar à idade adulta. Era comum que as pessoas, assim como os pais não se apegassem muito a elas, porque a sua perda era algo eventual.

Dessa forma, quando o sentimento de infância começou a aparecer, marcando sua presença nos registros iconográficos, já é possível verificar mudanças

em seus trajes e a presença de lugares específicos para elas, como escolas e colégios. Porém, ao crescer um pouco, e não precisando de tantos cuidados, ela já ingressa e se mistura ao mundo dos adultos. Logo, não tinham mais nenhuma diferenciação, nem mesmo havia diferença entre a roupa do adulto e a roupa da criança.

No entanto, no século XVII, esse fato foi se modificando e “a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 34). O autor também discorre sobre esse novo sentimento a respeito da infância, e da moralidade diante das crianças. A “papuricação” como ele chama, fez surgir um novo sentimento, primeiro por parte das mulheres e das amas, já que as crianças passavam maior parte do tempo com elas, e a partir dessa aproximação é que começou a surgir um carinho especial, alcançando inclusive as classes altas da sociedade.

A partir dessa afetividade observada por Àries (1981), os adultos passaram a ter certos “cuidados” em relação à criança, tinham certo receio caso elas viessem a adoecer, já ensinavam a falar, colocavam no colo, porém, esses cuidados duravam pouco, a partir do momento que ela deixava de ser “engraçadinha” essa atenção era cortada. Nesse momento, mesmo que fosse apenas para distração dos adultos, as crianças começaram a ter um papel social, por mais que esse cuidado fosse oferecido apenas para se ter “entretenimento”, elas passaram a ser vistas, e não viviam mais no anonimato. Não que essa forma de cuidado fosse correta, mas trouxe visibilidade para elas.

O autor ainda relata sobre como a criança, a partir dessa visibilidade, passou a ser vista pelos religiosos e moralistas. Para eles elas eram “criaturas de Deus”, logo, não só a criança, mas a fase da infância ganhou um novo degrau. Como elas viviam no meio dos adultos, e não se tinha um cuidado diante delas, elas não tinham noção do que era certo ou errado, o que gerava indisciplina. Neste sentido, os religiosos e moralistas defendiam que elas fossem corrigidas e educadas, para poupar sua inocência. Assim, responsabilizavam as famílias nobres de forma direta pela educação das suas crianças.

Àries (1981) também descreve sobre outro sentimento em relação à infância, que ele denominou de “moralização”, que ao contrário da “papuricação” que se voltava a crianças pequenas, este por sua vez, abarcava a criança desde seu nascimento até a fase adulta.

Através da influência religiosa que comprava as crianças e anjos, e próximas de Deus, as famílias passaram a voltar seu olhar para elas, não somente famílias nobres, mas todas as classes de famílias da época foram percebendo que estas precisavam de cuidados, de atenção, para que pudessem setornar homens cristãos e racionais.

O percurso feito por Àries (1981) sobre a trajetória histórica da infância e da criança, também desvela a importância da família, que por sua vez, se organizou em torno daquela criança para que ela recebesse os cuidados necessários para seu desenvolvimento, fato absolutamente novo naquele momento histórico. “O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas, através do interesse psicológico e da preocupação moral”. (ARIÈS, 1986. p. 162).

E assim como os registros de Àries, podemos verificar em Rousseau (2004), que ele propunha e acreditava que a felicidade deveria ser propiciada à criança enquanto ela ainda era criança. Ele considerava a criança um ser diferente dos adultos, com necessidades e características próprias, que adultos não tem. Este autor considerava que a infância não é uma passagem, mas uma etapa da vida que possui um lugar próprio. A criança precisa ser considerada criança, com aspectos que a fazem ser única. Segundo ele “a humanidade tem lugar na ordem das coisas, a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança”. (ROUSSEAU, 2004, p. 69)

No *Émile*, Rousseau desenvolve uma tese filosófica original – e nisso consiste a magnitude da obra – a qual reside em tomar a infância como chave de compreensão do homem e da sociedade. Ou seja, sua descoberta leva-o a ver na infância uma fase própria de desenvolvimento, com características peculiares que não podem ser simplesmente reduzidas ao julgamento adulto. Ver a criança em seu próprio mundo, isto é, tratar a criança como criança, evitando assim projetar nela verticalmente o mundo adulto, é uma exigência central feita por Rousseau a todo educador que almeje uma educação autônoma para seu educando. (DALBOSCO, 2011, p.28-29)

Com sua obra *Emílio ou Da Educação*, Rousseau (2004) foi mais um autor a delegar à criança seu lugar no mundo. Ela passa a ter valor, a infância passa a ser vista com importância e como uma etapa fundamental para a constituição humana. Com essa percepção, o autor rompe a ideia da “criança em miniatura”, ou mero objeto de papariação e prazer, e passam a ter possibilidade de serem amadas, cuidadas pelo o que são.

Em suas palavras, fica claro perceber isso: “amai a infância, favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto.” (ROUSSEAU, 2004, p.72)

E mesmo numa época em que a mortalidade entre as crianças era muito alta, Rousseau mostrou aos homens o valor, a importância de ser criança na constituição da vida humana.

Porque quereis retirar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que se lhes foge, e de um bem tão precioso, de que não poderiam abusar? [...] Assim que eles puderem sentir o prazer de existir, fazei com que o gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus os chamar, não morram sem ter saboreado a vida. (ROUSSEAU, 2004, p. 72-73)

Como se vê, Rousseau já mostrava preocupação com o percurso tomado pelo trato às crianças, mesmo vivendo em um tempo onde só os adultos tinham privilégio e importância. Como observador da natureza e do ser humano, ele surpreende em seus escritos, ao falar sobre a infância, sua importância, e aprofundar este tema, que segundo ele, levou muitos anos de trabalho e dedicação. Em Emílio, segundo Dalbosco (2011), a ideia de infância ganhou corpo, nele Rousseau produziu um pensamento de extrema importância de cunho tanto filosófico quanto educacional.

O Emílio ou Da Educação é uma das poucas obras da história da cultura ocidental que consegue vincular organicamente filosofia e pedagogia, mostrando-nos a origem filosófica dos problemas pedagógicos e, ao mesmo tempo, a base pedagógica do genuíno exercício filosófico. (DALBOSCO, 2011, p. 62)

A publicação de Emílio foi um grande divisor de água num tempo onde a infância e a criança não tinham muita atenção. Foi o período em que a ideia tomou corpo, e que chamou atenção para algo que passava despercebido no ser humano. Como diz Boto (2002, p. 55) “revisitar o Emílio é um requisito imprescindível para reconstruir a atmosfera mental e precursora do modo de conceber a criança que nos é contemporâneo”.

Nesta obra Rousseau ainda diz:

Não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios pretendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem. (ROUSSEAU, 2004 p.4)

O autor defende uma nova forma de ver a criança, considerando as características específicas da infância, a qual ele denomina de a fase de “aprender”, depositando à infância como fase primordial para o desenvolvimento humano, já que

é na infância que criança adquire força e a inteligência indispensáveis ao seu desenvolvimento até a fase adulta. Rousseau (2004), assim como Àries (1981), ressalta a importância da família na educação das crianças, dizendo que o cuidado, os laços de afeição beneficia de forma positiva no seu crescimento, e que sem estes, os pequenos se sentiriam alheios e estranhos, mesmo estando no seio familiar.

Àries (1981) constrói todo um caminho, e nos apresenta a criança que saiu do seu antigo anonimato mostrando ainda a organização da família em torno dessa criança, Rousseau (2004), apresenta a infância delegando valor a ela, porém ambos com uma visão adulta sobre tal. Sobre isso Kuhlmann (1998, p. 31) ressalta que “as fontes, em sua quase totalidade, são produzidas por adultos. A criança não escreve sua própria história. A história da criança é uma história sobre a criança”. Conforme este autor, estudos sobre a criança são feitos pela ótica de um adulto, porém, cada indivíduo é único, e deve ser tratado de acordo com suas diferenças e necessidades sejam elas biológicas ou sociais.

[...] infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel (KUHLMANN, 1998, p.16).

É importante destacar que os fatos históricos sobre essa “descoberta” de infância não são lineares, pois as mudanças na sociedade ocorrem a todo tempo. Assim, como vimos em Àries, criança não era vista como criança, como um ser que precisava de cuidados, de afeto, de segurança, e de tantas outras coisas que são essenciais para o seu desenvolvimento na sociedade e em sociedade. O adulto em miniatura estava ali, com todas as suas formas de criança, mas não era visto como tal. Ao longo do tempo, devido aos estudos desenvolvidos sobre esse tema, podemos verificar quão desprotegida e descuidada era a infância de uma criança, ou melhor, a “não infância” de uma criança e o quanto se evoluiu, em relação ao passado, nas questões que se referem a seus cuidados e direitos.

No Brasil Colônia e Império, as crianças viviam suas infâncias de acordo com a condição social de seus pais em lugares diferentes. Se os pais fossem escravos, assim que crescessem também eram encaminhadas ao trabalho escravo, juntamente com seus progenitores. Como podemos observar, a história sobre a infância só muda de lugar. Mesmo com a promulgação da lei do ventre livre, em 28 de setembro de 1871, onde todas as crianças nascidas a partir daquela data tinham

o direito à liberdade a lei se tornou ambígua, pois sua liberdade estava condicionada aos donos de suas mães/pais, ou seja, era uma falsa liberdade.

E como tudo na evolução humana, a importância dada à infância levou muitos anos até se consolidar. Há que se compreender e entender que essas mudanças sobre concepção de infância e criança refletem muito na construção de políticas públicas que as beneficiem. Para Charlot (1986, p.108) “a representação da criança é socialmente determinada, uma vez que exprime as aspirações e as recusas da sociedade e dos adultos que nela vivem”. Nesse sentido, houve progresso quanto à criação de novas formas de perceber a criança, de olhar para ela como indivíduo único, até mesmo ouvi-la para que a história também seja escrita pelo olhar delas, pois fazem parte do processo histórico, cultural, econômico e social, e existe uma rede de ligações que dá sustentação para que hoje possamos considerar suas próprias formas de viver, de pensar, de agir que é particularmente delas.

Sobre isso, Kuhlmann e Fernandes (2004, p. 15) apontam que:

[...] se a história da criança não é possível de ser narrada em primeira pessoa, se a criança não é nunca biógrafa de si própria, na medida em que não toma posse de sua história e não aparece como sujeito dela, sendo o adulto quem organiza e dimensiona tal narrativa, talvez a forma mais direta de perceber a criança, individualmente ou em grupo, seja precisamente tentar captá-la com base nas significações atribuídas aos diversos discursos que tentam definir historicamente o que é ser criança.

Dessa forma o percurso sobre o conceito de infância vem se modificando de acordo com as mudanças da sociedade e o tempo em que ela está inserida, e toda essa trajetória foi e é de extrema importância sobre o que se entende hoje por infância, para que se possa compreender o espaço que ela ocupa atualmente na sociedade. Esse fator se torna relevante, pois, muito do que se conseguiu de direitos para a infância provém dessas transformações, direitos estes em vários segmentos da sociedade. As ações em relação à criança e à infância floresceram, aqui no Brasil, principalmente com a promulgação da LDB 4.024/61, a qual ordenava que as crianças com idade abaixo de sete anos receberiam educação em escolas maternas ou jardins de infância. Em 1967, o Departamento Nacional da Criança (DNCr) divulgou um plano de assistência ao pré-escolar, incrementando a criação de escolas e jardins de infância.

No Referencial Curricular para a Educação Infantil (Brasília, 1998, p 21) em um dos seus pontos sobre a educação, afirma que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo

de um jeito muito próprio”. E nesse processo de construção de conhecimento por parte delas “se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que procuram desvendar”.

A partir do momento que se tomou consciência sobre a infância a criação de políticas públicas se ampliaram para garantir que esta não retroceda, apesar de que muitas crianças ainda sofrem com as consequências de uma infância precária em todos os sentidos, quer seja de direitos à escola, alimentação, saúde ou qualquer outro fator importante ao seu desenvolvimento em sociedade. Por isso todo e qualquer direito a elas garantidos devem ser respeitados.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p. 22)

Hoje, na família moderna, as crianças possuem valor, estão cercadas de cuidados em todos os aspectos, compartilham experiências, costumes e crenças, e são o centro das atenções no seio familiar que zelam pela sua educação e bem estar. E assim como em outros períodos da história, estão condicionadas a terem infâncias diferentes, mesmo com direitos iguais, as realidades de suas vidas serão determinadas pelo lugar e classe familiar em que se encontram.

2. VIDA E OBRA: CORA CORALINA, UMA BREVE HISTÓRIA

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, ou Cora Coralina como ficou conhecida, nasceu na antiga Villa Boa de Goiás, hoje Cidade de Goiás, em 1889, final do século XIX. Filha de Jacinta Luíza de Couto Brandão Peixoto e do Desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, iniciou sua carreira literária aos 14 anos, publicando seu primeiro conto “Tragédia na Roça”, em 1910, no Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás, do Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Casou-se com Cantídio Tolentino de Figueiredo, e teve quatro filhos: Paraguassu, Cantídio Filho, Jacinta e Vicência.

Desde muito nova, Cora já demonstrava sua afeição pelo mundo da literatura,

das letras, e apesar de ter cursado somente os primeiros anos da escola primária, jamais deixou de buscar conhecimentos e de construir novas ideias. Seu incentivo à leitura partira dos exemplos da mãe (leitora assídua), de outros literatos, e também do marido (por algumas vezes). Foi uma constante leitora, trabalhou como vendedora de livros na Editora José Olympo, quando morou em São Paulo, e participou do Gabinete Literário Goiano e do Clube Literário em Goiás.

Sua vida foi marcada por grandes mudanças e reconhecimento. Doutora “*Honoris Causa*” pela Universidade Federal de Goiás, autodidata, dividiu sua vivência, sua realidade, suas emoções de artista, na prosa e/ou no verso e foi incansavelmente verdadeira em tudo que aprendeu até o final de sua vida, em 1985.

Cora sempre evidenciou em seus poemas a Cidade de Goiás. A cidade, que até 1933 ostentou a condição de capital do Estado, e que surgiu das pequenas povoações fundadas em 1726, por Bartolomeu Bueno, explorador paulista, também conhecido como – Anhanguera – a fundação se deu devido ao ciclo do ouro, onde atingiu seu auge no século XVIII. A pequena cidade, formada aos arredores do Rio Vermelho, recebe destaque em muitos poemas de Cora, como em *Coisas do Reino da minha cidade*.

Olho e vejo por cima dos telhados patinados pelo tempo,
copadas mangueiras de quintais vizinhos.
Altaneiras, enfolhadas, encharcados seus caules,
troncos e raízes das longas chuvas do verão passado.
Paramentadas em verde, celebram a liturgia da próxima florada.
Antecipam a primavera no revestimento de brotação bronzeada,
onde esvoaçam borboletas amarelas.
As mangueiras estão convidando todos os turistas,
para a festa das suas frutas maduras, nos reinos da minha cidade.
[...]

(CORALINA, 2013, p. 205)

Ela conseguiu transmitir através de versos, toda beleza e particularidade de cada pedacinho daquele lugar. Nem mesmo a distância fizera Cora esquecer de onde veio. Ao sair da pequena Cidade de Goiás para São Paulo, em 25 de novembro de 1911, Cora fez morada em Jaboticabal, Andradina e depois na capital Paulista. Em 1922, recebeu convite para participar da Semana de Arte Moderna, mas seu marido a impediu de comparecer. Após viver sua vida para os filhos, marido, que muitas vezes a privaram de trilhar sua trajetória literária, Cora retorna à Cidade de Goiás depois de 45 anos, em 1956, indo morar na Casa da Velha Ponte. Seu regresso à cidade a fez tirar do bolso um projeto antigo, que queria realizar: escrever e publicar seu livro.

Sai desta cidade em 25 de novembro de 1911 e voltei em 22 de março de 1956. Deixei filhos, nora, genros, netos e bisnetos. A força da terra, das raízes que me chamavam eram mais fortes e sobrepôs a todos esses afetos familiares. Quando eu voltei, não tinha intenção de permanecer, tinha a intenção de matar saudades velhas e carregar saudades novas (Especial Literatura, TVE, 1985). Aconteceu que, quando eu criava os filhos, muito pouco eu escrevia, quase nada. Como eu sempre fui uma criatura de comunicação, escrever para mim, prosa ou verso, é uma forma de comunicação. Eu não podendo publicar, também não me interessava escrever. E os filhos, e a vida doméstica, sempre me dominaram. (...) De modo que quando eu vim a escrever o meu primeiro livro, eu era maior de 70 e muitos anos (SALLES, 2004, p. 76).

A lucidez com que tratava sua história, seu amor pela literatura, revela a maturidade de uma pessoa que viveu pela e para a escrita, mesmo com tantas limitações da época.

Não quero mais limitação na minha vida. Fui limitada na primeira infância, fui limitada de menina, fui limitada de adolescente, fui limitada de casada e não quero ser limitada depois de velha. Hoje, não me sinto livre, me sinto liberta. Não quero mais limitação na minha vida. Não há nada que valha para mim a minha libertação (BOTASSI, 1983, p. 9).

Sua volta à terra natal foi fundamental na criação de seus escritos, e expressou seu jeito único no fazer literário. Mas a volta da poetisa a fez perceber a mudança da pequena cidade e da sua gente. Cora não possuía mais vínculo com o campo literário goiano e estava idosa, o que dificultava ainda mais a publicação de suas criações. Viveu por muito tempo no anonimato, publicando raramente. Em seu poema *Voltei* ela expressa seu retorno à cidade: “Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém. Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente”. (CORALINA, 2013, p. 135)

Foram tempos difíceis para a poetisa. A crítica condenava sua idade, e até sua vida pessoal fazendo com que suas publicações fossem apagadas. Ela enfrentou muitas dificuldades antes de ser reconhecida pelo seu trabalho. Segundo Jane Alencastro (2003) que conviveu com Cora, ela foi “rejeitada pela sociedade, fato que a tornou reclusa na Casa da Ponte” e foi nessa reclusão que ela começou a fazer seus doces cristalizados, seus contos e poemas. Seus doces eram de frutas regionais cristalizadas, e parte delas eram colhidas no próprio quintal. Na década de 1980, a poetisa criou “O Dia do Vizinho”, que se comemora em 20 de agosto, data de seu aniversário.

Doceira de mão cheia, Cora encontrou ali, na cozinha, uma escuta na sua escrita. Ela nunca deixou de se reconhecer como doceira, mesmo depois de ser reconhecida pela sua literatura. Lá, na Casa Velha da Ponte, ela criou, recordou, alimentou e sustentou tanto sua imaginação para fazer seus poemas,

quanto a família, que por muitos anos, desde a sua volta, viveu da venda dos doces feitos por ela. A casa que abrigou Cora fora comprada por seu pai, o desembargador Franciscode Paula Lins dos Guimarães, e foi uma das pioneiras da antiga capital. Erguida em 1739, firmada com vigas de aroeira, barro e baldrame de pedra bruta, tornou-se o símbolo real e imaginário da poetisa.

A Casa Velha da Ponte e a Fazenda Paraíso foram as duas principais moradias da sua infância, e as que fizeram Cora expressar o tempo vivido nesses lugares em seus poemas. As lembranças da Fazenda, onde moravam seus avós, bisavós, tios e primos, foram a largueza da infância da poetisa. Muitos de seus escritos tiveram como pano de fundo o cenário daquele lugar, como em *As Maravilhas da Fazenda Paraíso*.

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,
nos anos da minha adolescência,
era certa e esperada aquela comunicação anual.
A volta dos casais de João-de-barro,
para levantar suas casinhas novas
nos galhos do grande jenipapeiro.
Raramente retocavam alguma casa velha
das muitas que resistiam pelas forquilhas.
[...]

(CORALINA, 2013, p. 87).

Cora foi uma menina reclusa, por se achar rejeitada pela família, vivia no quarto entre seus pensamentos e livros. Por ser meio “avoada” e “franzina” a família não lhe dava muita atenção. Seu pai, que já era idoso morreu antes que ela pudesse conhecê-lo. As dificuldades econômicas e sociais da época alcançaram a família, e por isso, Cora teria estudado por não mais que dois ou três anos. Mas isso não fez a poetisa esquecer os livros, estes conseguidos por empréstimo do Gabinete Literário Goiano — fundado em 1864 e que ainda hoje existem, exigindo bastante cuidados de conservação.

Tinha como exemplo em casa, sua mãe, que durante algumas horas do dia, passava o tempo lendo. Com tanta dificuldade que assolara a família, seu único luxo era este - o ato de ler. A menina Cora que observava essas cenas de entrega à leitura tomou conhecimento da grandeza do ato de ler e do livro e começou a querer “imitar” a mãe, como se se identificasse com aquela ação. Este acontecimento despertara na menina Aninha a vontade de se superar em relação ao saber e a impulsionava a investir na direção da escrita, da cultura, mesmo fora da escola formal, mesmo sem ter incentivo direto para isto.

Em seus poemas, além de retratar a solidão em que vivia e a falta de atenção da família, a poetisa lembra com certo ressentimento suas preocupações e frustrações de infância. Cora não se sentia amada, respeitada e acolhida. As lembranças da vida difícil, e com tantos percalços, são muito presentes em sua obra e apesar de tanta dificuldade ela nunca deixou de sonhar e fazer com que seu projeto se tornasse realidade.

Quando seus escritos ganharam reconhecimento e aceitação, seu nome só crescia, tanto, que no ano de 1981, foi premiada com o troféu Jaburu do Conselho Estadual de Cultura. Em 1984, o então Presidente da República, João Figueiredo, lhe outorgou a Comenda do Mérito do Trabalho. No mesmo ano foi eleita, por aclamação, para ocupar a cadeira 38 da Academia Goiana de Letras. Foi agraciada com o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás (já citado anteriormente). Em data? de janeiro de 1999, sua principal obra, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, foi aclamada como uma das obras mais importantes do século 20.

Em 2006, o Governo de Goiás lhe concedeu, postumamente, a condecoração de Ordem do Mérito Cultural do Estado. A Casa Velha da Ponte, hoje Casa de Cora Coralina, transformada em Museu, foi inaugurada no dia 20 de agosto de 1989, data comemorativa dos 100 anos de seu nascimento. A Secretaria de Turismo de Goiás criou, também para homenagear a poetisa, um trecho de 300 km que vai de Vila Boa a Corumbá de Goiás - caminho dos antigos bandeirantes, que inclusive recebe muitas visitas ao longo do ano, tanto de curiosos, como de admiradores da poetisa. O caminho é um pouco longo e cheio de histórias ao longo do percurso. Em 2009 ela recebeu uma homenagem do Museu da Língua Portuguesa em comemoração aos 120 anos de seu nascimento com a exposição “Cora Coralina — Coração do Brasil”.

Este ano (2021), o Museu da Imagem e do Som, do Estado de Goiás, através da Secretaria de Cultura do Estado de Goiás - Secult, no mês de Março, homenageou grandes mulheres que marcaram época no estado – respectivamente em função do dia internacional da mulher e Cora Coralina foi uma das homenageadas. Muitas foram e são as homenagens em reconhecimento a vida e obra da poetisa. Ela, que morreu nonagenária, em 10 de abril de 1985, pôde ver, a tempo, seu nome brilhar no palco dos grandes escritores brasileiros. A poetisa

encontra-se sepultada no cemitério São Miguel, na Cidade de Goiás e em sua lápide se lê:

Não morre aquele
Que deixou na terra
A melodia de seu cântico
Na música de seus versos.

Cora Coralina, não só permanecerá viva na memória dos Goianos, e demais brasileiros, mas, de todos aqueles que sabem e dão valor a boa poesia, a boas histórias, e que jamais desistem dos seus sonhos. Por mais difíceis que pareçam, por mais distantes que estejam e mesmo que ninguém acredite que possa se realizar. Cora, com sua história, nos ensina sobre coragem, perseverança, persistência, resistência e fé. Desistir talvez não estivesse no vocabulário dela e por isso venceu.

3. RETRATOS DA INFÂNCIA NOS POEMAS DE *VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA*

A infância, como pudemos verificar, levou anos para ser reconhecida como um fator importante na construção humana. Escritos como de Àries (1981), Rousseau (2004) e depois tantos outros, permitiram grandes transformações sobre o caminho que foi percorrido para que se chegasse ao que se conhece hoje sobre infância e criança. E assim como é percebido nas obras dos autores aqui citados, a infância, por muito tempo, foi desconsiderada e tratada sem os devidos cuidados e importância pelos adultos.

Neste sentido, a poetisa Ana Lins dos Guimarães Peixoto e Bretas ou Cora Coralina, nome adotado por ela para dar autoria a seus poemas, nos revela em muitos dos seus escritos, as lembranças e histórias da sua infância na pequena Cidade de Goiás. Ela que é considerada uma das escritoras mais importantes do século XX da literatura nacional, retrata como foi sua infância e a vida de Aninha, no caso, ela mesma, nos tempos em que afeto e cuidados com a criança já se fazia presente, mas que não eram respeitados ou oferecidos a elas, neste caso direcionamos à infância de Cora Coralina.

Um das obras onde podemos observar a presença do tema infância e criança é no livro *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. A segunda obra de Cora Coralina é um livro composto por 74 poemas e dividido em três partes

nomeadas de - Livro I: Meias confissões de Aninha; Livro II: Ainda Aninha e Livro III: Nos reinos de Goiás e outros. Tanto a escrita quanto a estrutura dos poemas apresentam um estilo informal e a maioria deles é dedicada às memórias que a escritora teve da infância e da adolescência. A começar pelo título dessa obra, onde naquela época, com um “vintém de cobre” não se comprava nem um doce, a autora já se apresenta ao leitor com uma pessoa de fragilidades, alguém sem valor, como podemos observar no poema *O cântico de Aninha*.

Vintém de Cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado).
Azinhavrados.

Ainda o vejo.
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
na mão fechada.

Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,
da minha infância,
da gente pobre, daquele tempo.

Tudo velho, gasto, conservado,
empoeirado, pelos cantos.
Levados para o depósito do velho sobradão [...]

(CORALINA, 2013, p. 21)

A linguagem utilizada no livro retrata o ambiente no qual a obra se passa, Cora Coralina procura recriar, poeticamente, um tempo passado, contando sobre a infância de Aninha, uma menina do sertão. Dessa forma, o eu-lírico resgata não só a sua própria memória, mas também a memória da sociedade. Assim, a autora utiliza sua própria experiência no interior de Goiás, pois foi lá que ela passou a sua infância. Por meio das lembranças e memórias cria impressões e, principalmente, as imprecisões da referencialidade do vivido. A maioria dos poemas é constituída de narrações, nas quais ela relata casos comuns a todo um povo que viveu na referida época e naquelas condições, e o enredo das narrações da escritora relatam principalmente sua vida na Fazenda Paraíso, na Casa Velha da Ponte, e das lembranças vividas por ela e pela família.

Na obra em questão, Cora Coralina se curva com maior vigor à criação da personagem Aninha, como um autor-personagem. Peculiaridade a que Remédios (2014) se refere como “eu-outro”. Para a autora, a poetisa fez uso de uma personagem fictícia para que pudesse expressar sentimentos vivenciados por ela

mesma, em determinados momentos de sua vida. Aninha, a quem aparece com maior frequência em seus versos, discorre sobre sua condição de criança naquele tempo, em algumas vezes com alegria, e em outras, com ressentimento, tristeza e até mesmo mágoa em relação a sua criação no seio familiar.

No poema *Criança* se percebe o tipo de tratamento recebido na infância naquela época:

Entre os adultos, antigamente, a criança não passava de um brinquedo.
Não chegava a ser incômoda, porque nem mesmo tinha o valor de incomodar.

Mal chegava aos quatro, cinco anos,
Tinha qualquer servicinho esperando.

Bem dizia os mais velhos: "serviço de criança é pouco e quem perde é louco".

Era uma coisa restringida, sujeitada por todos os meios discricionários
A se enquadrar dentro de um molde certo, cujo gabarito era o adulto.

(CORALINA, 2013, p. 106, grifos da autora)

A imagem dos pais, na maioria dos poemas, em relação à mãe, também possui destaque na obra e é possível observar a utilização de poemas bastante carregados de ressentimento acerca desse relacionamento. Siqueira e Camargo (2012, p. 59) afirmam que: "Pelo tom de ressentimento em relação aos adultos, [...] percebemos que não foi permitido a [sic] Cora, como não era permitido a nenhuma criança de sua época, crescer em liberdade. Por isso, na velhice, ela busca bordejar, através da poesia, essa falta".

Por esse motivo, Aninha aparece sempre como uma criança desprovida de afetos e regalias. No poema *A mana*, ao falar sobre as crianças o eu-lírico demonstra claramente os costumes da época em respeito à criação dos filhos.

Quanto mais enérgicos e ríspidos fossem os pais,
maior soma de elogios e gabos captavam, avantajados
na aura dos louvores.

"Esta senhora sabe mesmo criar os filhos..."

Isto se dizia quando da notícia de uma salmoura, corretivos
de faltas infantis de que a criança não tinha consciência.

Humilhação maior, domínio sobre a criança, esta era não raro
amarrada com fio de linha na perna da mesa, o sadismo, sobretudo, da mãe.

Não amarravam o menino traquinas, levado,
dobravam a personalidade da criança.

(CORALINA, 2013, p. 103, grifo da autora).

Neste poema, é possível perceber como as crianças em geral, não apenas a autora, eram tratadas com menor valor em comparação aos adultos. Nesse sentido, eram carentes de dignidade, carinho e afeição, necessários ao seu desenvolvimento. A ausência do pai também se tornou um fator bastante relevante para o

entendimento dessa infância angustiante, pois a mãe não lhe deu a atenção desejada e é apenas por parte da bisavó que se pode perceber um grau maior de afeto.

O tratamento com o qual o indivíduo é tratado durante a infância influencia diretamente os seus comportamentos e as crenças que ele desenvolve na vida adulta. Mesmo tendo consciência da sua realidade, e dos fatos vividos quando criança, Cora ainda carregava com ela o fardo dessa dura carga na infância. No poema *Menina mal amada*, a autora causa impacto a começar pelo título, ao se auto declarar como mal amada. No decorrer do poema, afirma que com menos de cinco anos foi levada à escola e, a partir disso, define-se como: "eu era medrosa, nervosa, chorona, feia, de nenhum agrado, menina abobada, rejeitada." (CORALINA, 2013, p. 114).

Assim, é possível perceber que os pensamentos que possuía a respeito de si mesma eram reflexos daquilo que ouvia dos outros, assim "ao passo que parece afirmar aquilo que se falou dela, ao escrever é como se ela se tornasse, pela palavra, outra. Em sua escritura, a poeta mostra-se atravessada pelo texto e não há como não se afetar por aquilo que repete ao recordar e que recorda ao repetir." (SIQUEIRA& CAMARGO, 2012, p. 59). A menina Cora se sentia frágil, sem afeto e sem amor, a mãe que deveria ser o seio fraterno de aconchego, de repouso, agiu ao contrário, como se não tivesse responsabilidade pela criação e desenvolvimento da menina.

Ainda no poema *Menina mal amada*, observa-se em outro trecho, como Cora se sentia em relação à mãe: "me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre. Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe." (CORALINA, 2013, p. 114). É notório ao eu-lírico que a mãe não lhe tinha amor. E uma criança quando se sente reprovada, não amada ou humilhada, seja no meio familiar, ou fora dele, ela se acua, se fecha, se sente insegura, pois não tem o apoio e o afeto de quem mais deveria ter (pais), já que Aninha perdera o pai, pouco depois de nascer.

Além disso, é possível perceber que a rejeição partia não apenas da mãe, mas de outros familiares que também a rejeitavam. Nos versos:

Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.
 Não me deixavam participar de seus brinquedos.
 Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço
 no ombro e segredava: "Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro
 e pega na gente."
 Eu ia atrás, batida, enxotada.

Infância... Daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...
 Infância... Hoje, será.

(CORALINA, 2013, p. 121, grifo da autora)

Assim é possível observar que as irmãs, pelo fato de também serem crianças e ouvirem as palavras dirigidas à menina, distanciavam-se dela. Isso fazia com que ela se sentisse ainda mais sozinha e afirmasse, ao final do poema, não sentir saudades da época. Por outro lado, dentre os adultos da família, a bisavó do eu-lírico é “uma das únicas que aparecem nos versos como a que lhe proporcionava afeto, comprovando as sugestões já feitas anteriormente de que a mesma tinha a bisavó como a que não lhe rejeitava” (LEITE, 2017, p.31). Apesar do fato de que às vezes a própria bisavó lhe aplicasse punições, o eu-lírico aparentemente entendia que era uma maneira de educá-la para a vida, visto que permanece mais afeto do que dores.

As lembranças também aparecem aos castigos impostos pela professora que utilizava a palmatória como método para disciplinar os alunos malcriados, fato comum na época. Como escreve:

Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!
 A meninada, pensando nalguns avulsos para ele,
 nem respirava, intimidada.
 Tensa, expectante, repassada
 Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.
 Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.
 A palmatória cresceu no meu medo, seu rodelo se fez maior,
 O cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante
 E o bolo estalou na minha mão obediente.
 Só? Não. O coro do bando de meninos, a vaia impiedosa.
 Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...
 A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,
 E, receosa de piores consequências, me mandou para casa, toda mijada,
 Sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo.

(CORALINA, 2013, p. 117)

A “palmatória” naquele tempo era comum para disciplinar os alunos, e mesmo sabendo que tal fato poderia acontecer caso houvesse desobediência por parte deles, a pequena Aninha relata o medo que sentia em relação a este método. Porém, Aninha conta que, ao chegar em casa depois do castigo, era recebida pela bisavó com metade de uma bolacha. A senhora falava palavras de conforto como “é pra o seu bem, pra ocê aprender, senão não aprende, fica burra, só servindo pra pilão” (CORALINA, 2013, p. 115). Assim, a bisavó justificava o castigo recebido para fazera menina entender que os episódios dolorosos não aconteciam em vão.

Apesar do fato de que o castigo causava medo e vergonha, não existe rancor pela bisavó por parte da menina, é o que dá para perceber nos versos. Ela entendia que estava sendo educada de uma maneira que era comum naquela época, o que não era certo, mas era comum. Porém, tal compreensão não se estendia à mãe e às irmãs, estas causaram-lhe mágoas profundas, que foram carregadas por muitos anos. Em muitos dos poemas de Cora na obra *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha* é visível ao leitor, que a infância da autora não fora muito fácil, mas como eram tempos diferentes, talvez o próprio leitor enxergue como um fato comum, mas que aos olhos da escritora, lhe causava dor e sofrimento.

Os poemas *Minha infância* e *Meu Vintém Perdido* retratam as primeiras fases da vida do eu-lírico, de maneira a repetir acontecimentos cujas lembranças machucam. Além disso, sabe-se que Cora Coralina concluiu somente os primeiros anos da escola primária, assim, é possível perceber que, apesar de não ter estudado por muito tempo, os poemas da escritora são muito bem escritos e por vezes complexos para alguém que não estudou regularmente. No caso dos poemas citados “No primeiro, a poetisa fala da morte do pai e, conseqüentemente, da indiferença da mãe e das irmãs para com ela. O segundo fala através do vintém de cobre a pobreza da infância, recordando a escola, o pessimismo e novamente a indiferença de familiares” (LEITE, 2017, p.21)

Mesmo sendo uma obra onde a infância se faz muito presente, ela também apresenta traços da adolescência e da vida adulta. Cabendo aqui ressaltar o fato de que a poetisa vivia numa sociedade onde o papel do homem se fazia superior, uma sociedade patriarcal, machista, desigual, onde as mulheres tinham a obrigação de arrumar um casamento e por causa de toda a pressão envolvida, Cora demonstrava, em vários momentos, ter medo de não conseguir sucesso nessa parte de sua vida. Esse medo é aparente nos versos do poema *Aquela gente antiga II*.

Aquela gente antiga explorava minha bobice.
 Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:
 "Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
 Três acham logo casamento, uma, não sei não, moça feia num casa fácil."
 Eu me abria em lágrimas, Choro manso e soluçando...
 "Essa boba... chorona...Ninguém nem falou o nome dela..."
 Minha bisavó ralhava, me consolava com palavras de ilusão:
 Sim, eu casava. Que certo mesmo era menina feia, moça bonita.
 E me dava a metade de uma bolacha.

(CORALINA, 2013, p. 53, grifo da autora)

Dessa forma, é possível perceber que a bisavó, apesar das boas intenções, concordava com o fato de que a menina era feia, mas fornecia consolo ao afirmar que um dia poderia se tornar uma moça bonita.

Certo que perdi a aparência bisonha. Fiquei corada.
e achei quem me quisesse.
Sim, que este não estava contaminado dos príncipes goianos,
de que moça que lia romance e declarava Almeida Garrett
não dava boa dona de casa.

(CORALINA, 2013, p. 43)

Por outro lado, biograficamente, sabe-se que Cora Coralina casou-se com um advogado de outra cidade e que os dois fugiram para São Paulo. Porém, o sofrimento persistiu durante a adolescência, já que o olhar das outras pessoas e de seus familiares permanecera o mesmo desde a sua infância. Observa-se que sua vida foi regada por desafios, desamor, ressentimento, entre tantos sentimentos tristes que a acompanharam até a vida adulta. Dessa forma, ao escrever esta obra a poetisa vai de encontro à sua essência, relatando de maneira ficcional o seu passado traumatizante, mas que foi responsável pela formulação de um pensamento a respeito de si mesma e do mundo, moldando, dessa maneira, sua personalidade.

Esses desdobramentos são visíveis no poema *Meu vintém perdido*

Que procura você, Aninha?
Que força a fez despedaçar correntes de afetos
e trazê-la de volta às pedras lapidares do passado?
Sozinha, sem medo, vinte e sete anos já passados...
Meu vintém perdido, meu vintém de felicidade.
Capacidade maior de ser eu mesma, minha afirmação constante.
Caminheira, caminhando sempre.
nos meus pés pequenos,
meus chinelinhos furados.
Tão escura a noite da minha vida...
Indiferentes ou vigilantes,
Tanto tropeço.
Na frente, marcando o caminho a candeia apagada.

(CORALINA, 2013, p.61).

No mesmo poema, a poetisa tenta responder às questões da sua vida para si mesma, como "procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra", e afirma que quando morrer ainda permanecerá viva nas memórias que foram escritas no livro que tirou da solidão "sem ajuda e sem esperança." Além disso, ainda que suas recordações retratem uma infância triste e que não deixou saudades, segundo ela mesma, mostra-se uma adulta forte e esperançosa e que por meio de sua arte traz uma reflexão acerca do valor das pequenas coisas e na crença em dias melhores,

apesar de todas as dificuldades. Da mesma forma, que conseguiu conquistar um lugar na sociedade e na literatura, apesar dos desafios vividos e das consequências psicológicas que trouxeram para si. Assim, “em torno das informações, podemos dizer que Cora Coralina, antes mesmo de publicar qualquer escrito já fazia da vida uma poesia e através disso conseguiu transportar ao leitor uma série de sentimentos norteadores da própria personalidade, formada no decorrer da vida e transportados para os textos” (LEITE, 2017, p.32).

Os escritos de Cora Coralina, aqui em questão, alguns poemas de *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*, são carregados de sentimentos, de percepções, de narrações que foram vivenciados por ela em um tempo onde as construções de consciência sobre infância e ser criança não eram tão respeitados, principalmente por membros de sua família e demais indivíduos que faziam parte de seu convívio. Lembra com amargura essas carências sofridas, mas que toda essa tristeza infantil não lhe impediu de perceber que poderia seguir seus sonhos, de exprimir tão vivamente em seus versos os caminhos que percorreram sua alma. Cora Coralina, Aninha ou Ana Lins dos Guimarães, traduziu em forma de poesia sua infância, que apesar de sofrida, não se permitiu ser vítima de sua história, e sim protagonista.

Como disse Carlos Drummond de Andrade (1983, p. 12)

Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de todos nós, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...].

Quando analisamos o percurso sobre os conceitos de infância nos dias atuais, percebemos o quanto estudos sobre este tema são importantes para que infâncias como a de Cora não sejam repetidas, recontadas ou vividas na sociedade. Mesmo com toda beleza que há nos versos da escritora, nesse caso englobo as demais obras, o tempo de sua infância foi certamente muito doloroso para ser vivido por uma criança, mesmo com o pouco carinho recebido da bisavó, esse período de sua vida foi marcante de forma negativa, mas isso não a impediu de ser extraordinária em sua própria história. De usar o que a primeira infância lhe causou para reescrever outras páginas de sua vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber, o conceito de infância e criança vem sendo construído ao longo da história e essa construção permitiu entender a criança não mais como um adulto em miniatura, ou um indivíduo que não precisava de atenção e cuidados, mas como uma pessoa que está em desenvolvimento, está na sociedade, tem suas peculiaridades inerentes a essa etapa do desenvolvimento humano e que precisa de afeto, cuidado e estrutura.

A história até aqui, desde os estudos de Àries, nos mostra uma infância, que mesmo que ao longo dos anos tenha ganhado atenção, voz, identidade, direitos, ainda é uma infância deficitária, pois dentro de um mesmo contexto histórico pode haver várias infâncias, já que a realidade social e econômica de uma não é igual a de outra. Infelizmente vivemos em um mundo de enormes desigualdades sociais, ondemuitos tem pouco, e poucos têm muito. Essas desigualdades não eram exclusividade da Idade Média, mesmo com leis de proteção às crianças nos dias atuais, não se tem garantia de que elas de fato serão protegidas ou terão igualdade de direitos.

Nesse sentido, em *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, por meio do mergulho no eu-lírico para reconstruir sua infância, a autora revela o modo de pensar de um povo humilde, bem como o modo de vida desse povo. Além disso, retrata os costumes e a mentalidade de uma determinada época, sobretudo, do finaldo século XIX e de uma parte do século XX. Na obra podemos acompanhar as histórias da infância de Aninha, sua percepção do mundo e das pessoas com as quais ela convivia. Seus sonhos, sua vida na Fazenda Paraíso e na Casa Velha daPonte, sua família, sua escola, e suas dores. Através das memórias, podemos imaginar a vida de umas das escritoras mais aclamadas da literatura Brasileira, quenão teve uma infância fácil, mas que não se deixou abater por isso.

Cora Coralina, além de traçar suas memórias de vida, apresenta seus sentimentos de infância e demonstra de que forma esses sentimentos influenciaram na sua personalidade, bem como as decisões que ela tomou ao longo da vida. Assim, é possível perceber que ela teve uma infância de poucas regalias, como a maioria das crianças da época, mas seu sentimento de desamparo era maior do que o das demais, incluindo suas irmãs que recebiam o afeto que lhe era negado. Em *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha* ela demonstra a rejeição sofrida na infância e das conseqüências que esse sentimento causou dentro de si.

Ao recriar sua infância por meio da personagem Aninha, a autora pôde refletir a respeito do seu modo de ver a vida, a respeito de si e dos outros. O afeto recebido por parte da bisavó era o único alento para uma criança que não conseguia entender por que era tão rejeitada pelos demais membros da família. Aninha retrata sua fase da infância com ressentimento, e assim como observamos nos estudos a respeito do conceito sobre os sentimentos em relação à infância, onde elas não eram tratadas com devido valor e ternura, concluímos que a escritora passou essa fase da vida sem afeto de sua progenitora, das irmãs, e ainda passava por situações de constrangimento devido a sua aparência “desajeitada” e “sem atrativos”. Cora não ornamenta com flores sua infância, e em *Vintém de Cobre* isso é mais do que visível, é escancarado ao leitor, mas essa tristeza infantil não a impediu de exprimir seus versos tão vivamente.

Além de ter podido tratar de assuntos que a machucaram com o objetivo de, conforme sugerido por Siqueira e Camargo (2012), expulsar os sentimentos e prosseguir com a vida acreditando em dias melhores. Através de seus poemas, ela exprimia o que lhe atravessava o peito e, de certa forma, ao escrever, ela poderia superar o que havia passado, para assim então, desfrutar o presente, onde pudesse construir um novo caminho, uma nova história.

Assim, atitudes de respeito, alteridade, compromisso profissional contribuem para que ações coletivas e/ou individuais abram espaços para outras ações, colaborando para pensar nas diferentes infâncias, uma vez que, diante de tantas evidências, fica cada vez mais claro o fato de que haverá tantas infâncias quantas forem as concepções, práticas e discursos sobre ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Jane de. **Memórias de Aninha**. In: *Leitura: teorias e práticas*. Goiânia: Editora Vieira, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BOTO, Carlota. **O desencanto da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes**. In: FREITAS, Marco Cesar e KHULMANN JR, Moysés. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOTASSI, Miriam. **Cora Coralina conta um pouco da sua história**. *Mulherio*, jul. 1983, p.9.

BRASIL.Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS, Robson dos. **Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina**. *Hispanista*, v. 10, n. 38, p. 1-14, jul./ago./set, 2009.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. **Poesia e memória em Cora Coralina**. *Signótica*, v. 14, n. 1, 2002.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10^o. ed. São Paulo, Ed. Global, 2013.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

DALBOSCO, Cláudio. **Educação natural em Rousseau: das necessidades da criança e dos cuidados do adulto**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

KRAMER, Sonia e LEITE, M. I. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas, Papirus, 1996.

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN, Moysés Jr. FERNANDES, Rogério. **Sobre a história da infância**. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **A Infância e sua Educação: materiais, práticas e representações** (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEITE, Ítala Morgana da Silva. **Memória, personalidade e infância na obra de Cora Coralina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, PB. 2017.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **O empreendimento autobiográfico**. In: As pedras e o arco, fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALLES, Mariana de Almeida. **Cora Coralina: uma análise biográfica**. Monografia (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2004.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Recordar e Esquecer: a Elaboração Freudiana na Poesia de Cora Coralina**. Gláuks, Goiás, v. 12, n. 2, p.56-64, 2012.